



Educação escolar: leitura e análise a partir da perspectiva adorniana

Schooling: reading and analysis from the perspective of Adorno

Luciana da Silva Teixeira^[a], Geraldo Balduino Horn^[b]

^[a] Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino de Filosofia e Educação Filosófica da UFPR (NESEF/UFPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: lucianafilo@yahoo.com.br

^[b] Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), professor do Curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino de Filosofia e Educação Filosófica da UFPR (NESEF/UFPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: ghbalduino@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como propósito refletir sobre a compreensão de educação presente no pensamento do filósofo alemão Theodor W. Adorno, procurando mostrar como a visão adorniana de educação está intrinsecamente ligada à crítica da sociedade burguesa e, por conseguinte, à indústria cultural. Esse entendimento é desenvolvido a partir do conceito de esclarecimento e da tensão existente entre as aspirações do professor em relação aos desafios que enfrenta em sua prática educativa. As principais obras utilizadas são: *Educação e emancipação* (ADORNO, 2006) e *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). A questão central que se pretende explorar tem a ver com a relação que Adorno estabelece entre esclarecimento,

emancipação, resistência e autonomia. Trata-se de responder à questão: até que ponto o esclarecimento leva o indivíduo a resistir àquilo que a sociedade define como dado e pronto? O pretense esclarecimento da humanidade e sua submissão a uma razão totalitária e à indústria cultural, com sua influência na formação dos pensamentos e ações das pessoas, são elementos constitutivos da análise que se propõe. Adorno procura mostrar que a educação teria um poder de resistência em relação ao rumo caótico que a civilização humana está tomando e poderia fazer com que o homem usasse a reflexão sobre sua realidade e a analisasse de maneira crítica, não aceitando todas as imposições sociais como sendo naturais. A teoria crítica, da forma como entende Adorno, apresenta o processo histórico de produção da educação e aponta a dimensão de uma tarefa de emancipação social a ser desenvolvida pela escola.

Palavras-chave: Educação escolar. Indústria cultural. Resistência. Emancipação. Esclarecimento.

Abstract

The proposal of this article is to reflect about the comprehension of education in the German philosopher's thought, Theodor W. Adorno. That article intends to show how Adorno's view about education is intrinsically connected to the criticism of bourgeois society and, wherefore, with the cultural industry. This understanding is developed from the concept of clarification and the tension present among the teacher's aspirations regarding to the challenges they face in their educative practice. The main titles used are: Educação e Emancipação (ADORNO, 2006) and Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). The central matter we intend to explore is regarded to the relationship which Adorno establish among clarification, emancipation, resistance and autonomy. It is about answering how far clarification takes an individual to resist against what the society establishes as done. The supposed clarification of humanity and its submission to a totalitarian reason and the cultural industry with its influence on the formation of thoughts and people's actions are constitutive elements from the suggested analysis. Adorno intends to show that the education would have a resistance power regarded to the chaotic direction which human civilization is taking. It could lead man to reflect about his reality and critically analyze it, not accepting all social impositions as being natural. The Critique Theory, as Adorno understands, shows the historical

process of Education production and points to the dimension of a social emancipation task to be developed by school.

Keywords: *School education. Cultural Industry. Resistance. Emancipation. Clarification.*

Introdução

A atualidade do pensamento frankfurtiano, particularmente da perspectiva teórica de Adorno, para análise dos problemas e desafios apresentados pela educação e pelas sociedades em nossos dias é sem dúvida um fato incontestável. Ao menos três aspectos podem ser numerados como justificativa do potencial teórico que a educação, particularmente, a escola, representa como foco de análise e reflexão: a) sua crítica à onipresença da indústria cultural no mundo; b) sua crítica à economia de mercado orientada pelo capital; c) sua crítica em relação ao crescimento da pressão social pela conformidade (MULLER-DOOHM, 2005).

A educação, para Adorno, comporta uma relação dialética e traz em si uma ambiguidade, a saber: a) precisa integrar o educando à realidade em que vive; b) não pode ser apenas um processo de adaptação, porque produziria nada além de pessoas bem ajustadas socialmente. Nesse sentido, segundo a concepção adorniana, a educação visa a formar pessoas emancipadas para haver uma sociedade guiada pela razão e pela autonomia.

O texto busca discutir a compreensão de Adorno sobre as implicações e influências produzidas pela indústria cultural da sociedade capitalista acerca da educação, tendo sido a análise desenvolvida a partir das obras *Educação e emancipação* (ADORNO, 2006) e *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). A questão central que se pretende explorar tem a ver com a relação que Adorno estabelece entre esclarecimento, emancipação, resistência e autonomia, procurando responder à pergunta: até que ponto o esclarecimento leva o indivíduo a resistir àquilo que a sociedade define como

dado e pronto? Mais especificamente, até que ponto o professor exerce efetivamente sua autonomia como sujeito epistêmico e político? Assim, o pretense esclarecimento da humanidade e sua submissão a uma razão totalitária e à indústria cultural, com sua influência na formação dos pensamentos e ações das pessoas, são elementos constitutivos da análise que se propõe neste artigo.

A educação e a dimensão social do “papel” do professor

A referência à educação e ao papel do professor pode inicialmente ser discutida com a obra *Educação e emancipação* (ADORNO, 2006), publicada originalmente em Frankfurt am Main, em 1971; nela, há um ensaio de Theodor Adorno intitulado *Educação – para quê?* (6º texto do livro). A ideia é estabelecer uma reflexão sobre os verdadeiros objetivos da educação, cujo cerne principal – nesse capítulo – é “para onde a educação deve conduzir” (p. 139) o homem e os rumos da sociedade (um diálogo entre as ideias dos filósofos Hegel, Kant e Freud). Para tanto, ele menciona:

Houve tempo em que os conceitos de educação e formação [...] como dizia Hegel, eram substanciais, compreensíveis por si mesmos a partir de uma totalidade de uma cultura [...]. No instante em que indagamos: ‘Educação – para quê?’, onde esse ‘para quê’ não é mais compreensível por si mesmo, ingenuamente presente, tudo se torna inseguro e requer reflexões complicadas, sobretudo uma vez perdido este ‘para quê’, ele não pode ser simplesmente restituído por um ato de vontade erigindo um objetivo educacional a partir do seu exterior (ADORNO, 2006, p. 140).

Adorno (2006) defende uma educação que deve ocupar-se em “produzir” pessoas portadoras de uma consciência verdadeira, que sejam autônomas e emancipadas. Vale ressaltar que, na sociedade alemã mencionada por ele, são discutidas as relações humanas tidas como racionais

e que estas têm produzido um processo de barbarização; uma das consequências tem sido a perda de sentido do processo educacional.

Nesse capítulo, não se discute para que fins a educação ainda seria necessária, mas para onde ela deve conduzir. Em outras palavras, a prática educacional deve equipar o indivíduo para orientar-se no mundo e visar ao esclarecimento da consciência do homem em um procedimento dialético que deve ser iniciado nos seus primeiros anos de vida. Assim, a finalidade da educação deve ser a emancipação das pessoas, articulada à imaginação e à experiência. “A constituição da aptidão à experiência consistiria essencialmente na conscientização e, dessa forma, na dissolução desses mecanismos de repressão e dessas formações reativas que deformam nas próprias pessoas sua aptidão à experiência” (ADORNO, 2006, p. 150).

A emancipação, diz Adorno (2006, p. 143), “precisa ser inserida no pensamento e também na prática educacional”, uma vez que tanto o pensar rigoroso quanto o ato de educar devem ser voltados à crítica e à autorreflexão. Entretanto, ele apresenta a ideia de que a própria organização do mundo, a ideologia que predomina e o processo de adaptação gerado pela sociedade são problemas para a emancipação do homem.

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambiguidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela (ADORNO, 2006, p. 143-144).

Assim, a emancipação como formação para a autonomia só é bem-sucedida no processo coletivo e só se pode pensar uma educação que

seja direcionada para a emancipação¹; nesse sentido, ela seria um processo de esclarecimento em busca permanente de superação da ideologia, desenvolvendo a capacidade de as pessoas realizarem experiências, as quais são pressupostos para elas se tornarem autônomas, além de mostrar aos alunos as falsidades presentes na sociedade que é culturalmente construída e despertar a consciência de cada pessoa de que somos enganados, iludidos constantemente pela indústria cultural, pelos meios de comunicação. Vislumbram-se, dessa forma, mecanismos de resistência à barbarização presentes na sociedade, pois “a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação” (ADORNO, 2006, p. 151). Na compreensão de Adorno (2006, p. 183), “[...] a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nessa direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência”.

Há que nos determos um pouco mais sobre o conceito de experiência para Adorno. Primeiramente, a experiência, para o frankfurtiano, não está necessariamente vinculada à ação em si, como algo que se perderia no mundo sensível, mas como formação cultural (*Bildung*), na medida em que o espírito não só mantém uma relação de estranhamento com o mundo, mas de reapropriação deste como objeto, produzindo-o e transformando-o, desnaturalizando-o, enfim (MAAR, 1995). Assim, para Adorno (1995, p. 204),

pensar é um agir, teoria é uma forma de práxis; somente a ideologia da pureza do pensamento mistifica este ponto. O pensar tem um duplo caráter: é imanentemente determinado e é estringente e obrigatório em si mesmo, mas, ao mesmo tempo, é um modo de comportamento irrecusavelmente real em meio à realidade.

Em outras palavras, para ele, o ato de pensar, além de ser uma experiência, é uma forma de resistência, pois aquele que pensa opõe

¹ Emancipação, do alemão *Mündigkeit*, significa a capacidade de falar pela própria boca, falar por si mesmo; para isso, a pessoa precisa ser capaz de pensar por si mesma.

resistência. Não se trata de um pensar meramente especulativo, visto que já é uma forma de agir, de experimentar, de desnaturalizar o mundo, transformando-o. Segundo Adorno (2006, p. 64), para ser professor, não basta a frequência a cursos, mas uma “formação cultural” que “só pode ser adquirida mediante esforço espontâneo e interesse”, na qual a experiência é o ato de desnaturalizar o mundo, transformando-o, conforme citado. Acrescenta ainda:

Na verdade, ela nem ao menos corresponde ao esforço, mas sim à disposição aberta, à capacidade de se abrir a elementos do espírito, apropriando-os de modo produtivo na consciência, em vez de se ocupar com os mesmos unicamente para aprender, conforme prescreve um clichê insuportável (ADORNO, 2006, p. 64).

Não se trata, portanto, de um acúmulo mecânico e quantitativo de conteúdos, mas qualitativo, isto é, apropriação produtiva na consciência ou, como diria Kant (2008), fazer alguém ser capaz de fazer uso público (e não privado) da razão. A formação cultural (*Bildung*) é indispensável para esse exercício do pensamento autônomo e acrescenta:

[...] seria melhor que quem tem deficiências a esse respeito, não se dedicasse a ensinar. Ele não apenas perpetuará na escola aquele sofrimento que os poetas denunciaram há sessenta anos e que incorretamente consideramos hoje eliminado, mas além disto dará prosseguimento a esta deficiência nos alunos [...] (ADORNO, 2006, p. 64).

Dessa forma, a responsabilidade do professor não se restringe a possibilitar que os alunos aprendam e apreendam o mundo, mas que realizem a experiência de, no aprendendo e apreendendo, transformar o mundo, desnaturalizando-o e impedindo que os momentos de barbárie e/ou irracionalidade repitam-se.

No que tange à óptica da análise de formação e emancipação do homem e, especificamente, do professor que irá formar tantas outras pessoas, cabe alguns questionamentos:

- a) como seria possível a “educação para a emancipação”? Em outras palavras, como os educadores, pessoas com consciência coisificada, poderiam reverter a lógica das relações sociais na escola, o peso da burocracia escolar, da competição etc.?
- b) haja vista que o professor pode ser uma pessoa pseudoformada, como sair dessa situação e, assim, ser capaz de formar educandos fora dessa óptica de submissão, alienação e barbárie?

No quarto capítulo da obra *Educação e emancipação*, intitulado *Tabus acerca do magistério*, Adorno (2006) apresenta reflexões sobre o processo de dominação presente na sociedade e o papel da escola e dos professores nesse sentido. Os tabus são representações inconscientes que não apenas os eventuais candidatos ao magistério possuem, mas também outras pessoas, principalmente as próprias crianças ou alunos. Dessa maneira, é fundamental compreender a importância, o sentido da profissão de educador, o papel de ensinar para uma educação emancipatória.

Os alunos em geral estão submetidos, bem como alguns professores, ao mundo capitalista, que é carregado de valores consumistas, ideias alienantes, de posse e coisificação, e o problema está justamente no professor, que vem convertendo-se em um vendedor/reprodutor de conhecimento, o que “nesses termos reduz o intelecto a um mero valor de troca, o que é tão problemático como o é qualquer progresso no seio do existente” (ADORNO, 2006, p. 105). Assim, pode-se claramente inferir que o educador torna-se um instrumento de manutenção e reprodução da barbarização; em termos kantianos, um indivíduo da menoridade e que promove essa mesma menoridade.

Para Adorno (2006), quem não é autônomo não tem condições de reconhecer a autonomia do outro (muito menos de facilitá-la); portanto, quem não se enxerga como sujeito não tem condições de aceitar o outro como sujeito. A educação assinala uma ação pedagógica que tem como papel enfrentar a dialética entre a aparência do mundo e a sua realidade, superando o determinismo, a resistência à dominação. Esta é uma opção política da escola: apresentar uma educação dirigida a

fomentar o desenvolvimento deliberado da capacidade de superar o conformismo e a indiferença, de experimentar, de agir por conta própria. A partir desse pressuposto, faz-se necessária uma discussão mais aguda a respeito do currículo escolar, considerando uma política curricular asentada na construção de saberes que combinem a formação humana, pautada no princípio da inclusão e da análise crítica dos fatos sociais, a autonomia do pensamento, a argumentação filosófica e a reflexão sociológica das diferenças ímpares que compõem a escola e a sociedade em que ela está inserida.

O professor e os intelectuais que pensam os problemas da educação escolar ainda não têm respostas convincentes para questões como:

- a) quais fatores levaram a escola a conformar-se com a dimensão de uma sociedade em que reina a desigualdade e a opressão?
- b) por que a organização curricular está pautada na hierarquia das disciplinas e de escolas diferentes para grupos sociais diferentes? Fatores como este, por acaso, não reforçam a seletividade e a exclusão social?
- c) como socializar o conhecimento para os educandos, uma vez que o *status quo* adentra para a competência e a competição no lugar de desenvolver a reflexão, o entendimento, a subjetividade e a autonomia?
- d) haveria um processo avaliativo diferente de fato que não se pautasse pelos princípios de separar, ordenar, excluir, uma vez que a educação para a concorrência exclui a aprendizagem da cooperação, da tolerância e da solidariedade?

Emancipação e esclarecimento na formação educacional

Um percurso paralelo sobre a educação e seu processo emancipatório também é possível a partir da obra *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*, concluída em 1944, publicada no ano de 1947, em

Amsterdã, Holanda, e escrita por Theodor Adorno e Max Horkheimer. Finalizada pelos autores nos Estados Unidos em virtude do avanço do nazismo na Alemanha, isso permitiu a discussão e preocupação deles em problematizar a questão do antissemitismo e do irracionalismo, que pode levar à dominação política do totalitarismo.

Vale ressaltar que o termo ‘esclarecimento’ (*Aufklärung*) foi criado pelo filósofo Immanuel Kant (1724-1804), que já o empregara no século XVIII como o processo emancipatório do homem frente à ignorância, ou seja, como sujeito capaz de perceber-se diferente do mundo ao redor, portador do *cogito*, de se libertar do medo que os fenômenos da natureza afligem (KANT, 2008). O homem, sob a luz da razão, poderia enfrentar a natureza, tirar proveito dela e, assim, conservar-se.

No ensaio *Resposta à pergunta: que é esclarecimento?*, de 1783, Kant (2008, p. 63) determina:

[...] seu aspecto essencial é o de ser um processo e não uma condição ou corrente filosófica ou literária que a razão humana efetua por si mesma para sair do estado de menoridade, a submissão do pensamento individual ou de um povo a um poder tutelar alheio.

Ele associa à palavra ‘esclarecimento’ o significado de ser livre, emancipado, possuir autonomia, fazer uso público da razão², ser senhor de si mesmo por intermédio de uma melhoria moral e cultural. Quando os homens não alcançam a maioria moral e cultural, Kant (2008) distingue dois fatores impeditivos a isso: a preguiça e a covardia. De um lado, atribui a ambas a responsabilidade pelo fato de uma grande parte das pessoas optar ainda pela menoridade (por não pensar por si mesmo, por atribuir ao outro ou outrem o poder de decidir pela sua própria vida), mesmo depois de a natureza ter possibilitado direção diferente. De outro, são elas as causas pelas quais outrem se torna tutor dos que optam pela

² A razão, entendida como esclarecimento, segundo Kant (2008), é responsável pelo progresso humano e também fonte libertadora humana.

menoridade. Ele cunha, para isso, o termo ‘menoridade’³, referindo-se à incapacidade do homem de se servir do próprio entendimento de forma autossuficiente. Recupera-se, assim, a incapacidade de usar a razão de forma autônoma.

Em contraposição a essas ideias, Adorno (2009) determina que a emancipação dá-se por duas vias: reflexão e experiência. Portanto, o esclarecimento designa a perda do encanto e do medo da natureza desconhecida e sua substituição pela racionalização na filosofia e na ciência⁴. Emancipar-se é ser esclarecido e a emancipação só é possível na formação para a autonomia, para a autorreflexão crítica. Como consequência, configura-se a resistência à barbárie, que nada mais é do que a irracionalidade das ações do homem. O meio para o alcance desse esclarecimento é a educação, pela crítica à semiformação (*Halbbildung*) real, pela resistência à sociedade material. Adorno (2009), na verdade, contrapõe-se ao conceito kantiano de esclarecimento, à sua finalidade libertadora, quando busca a origem do esclarecimento no entendimento da sua dialética intrínseca.

Para Kant (2008) e Adorno (2009), baseados na realidade alemã, as pessoas não são educadas para a emancipação e as razões que determinam isso são:

- a) crença numa razão absoluta (cristã);

³ A menoridade, segundo Kant (2008), é a incapacidade do homem de se servir do seu próprio entendimento de forma autônoma, sendo o uso da razão o que faz com que o homem emancipe-se, objetivando, de acordo com o período – século XVIII –, livrá-lo da bruta autoridade da Igreja, do peso do absolutismo e de outras autoridades ditadas por forças externas, isto é, os deuses, os mitos.

⁴ A expressão ‘esclarecimento’ também está em outra obra de Adorno e Horkheimer: *Dialética do esclarecimento*, nas páginas 7 a 10 (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Tem sua origem no sentimento do medo da dor, estando o ponto crucial na verificação da razão crítica. Em vez de trabalhar para a promoção do esclarecimento e da liberdade (como em Kant), acabou-se por promover a mitologização do esclarecimento sob a forma de ciência positiva. Em outras palavras, em vez de conduzir à produção de um conhecimento que visasse à emancipação do espírito humano, a razão levou à técnica e à ciência positiva, que reforçaram as amarras que o atavam.

- b) estrutura tríplice da educação alemã: escolas para os denominados altamente dotados; escolas para os medianamente dotados; muitas escolas com desprovidos de talentos⁵;
- c) vivência numa sociedade heterônoma;
- d) contradição social.

Adorno (2006) sustenta que formar sujeitos emancipados levaria à concretização de uma sociedade verdadeiramente democrática, visto que a educação tem o dever de formar gerações para haver uma sociedade guiada por condicionantes, quais sejam: a razão, a autonomia — poder para a reflexão e autodeterminação — e a emancipação. Com relação à razão, ainda faz uma crítica capaz de conduzir o homem à liberdade, pois se tornou utópica ou idealista, à medida que se conferiu veracidade unicamente aos fatos passíveis de experimentação, por terem em si o caráter pragmático e de aplicação imediata. Como consequência, a razão empírica foi aceita como comprometida com a verdade, com a ciência, e perdeu seu compromisso com a verdade dos fatos e suas relações para além da realidade aparente. Em outras palavras, ao servir para justificar o real e não estabelecer um vínculo com o questionado, com a autorreflexão crítica, a razão converte-se em “irrazão”. Portanto, a razão instrumental faz-se presente na fábrica, na ciência, na religião, na família, na mídia, na escola, nos campos de futebol e em tantos outros meios que expressam a insuficiência do indivíduo, que pretende, em sua contingência e limitação, expor o que é contrário à sua liberdade como essência. Nesse sentido, estes são alguns elementos que trazem em si expressões de uma mesma irracionalidade que contínua e costumeiramente transforma o homem em um alienado, não havendo, conseqüentemente, a expressão de sua autonomia. Nesse ciclo espiral de “desrazão”, o homem concebe-a como única razão possível, o que resulta na naturalização da própria alienação e barbárie.

⁵ A solução apontada para esse problema seria aprender por intermédio da motivação do aprendizado e haver uma reforma da escola ao ofertar disciplinas diversificadas.

Adorno (2006) argumenta que a educação vive uma relação dialética, pois, ao mesmo tempo que precisa integrar a criança à realidade em que vive, não pode ser apenas um processo de adaptação, porque não produziria nada além de pessoas bem ajustadas. Ele explicita essas ideias na obra *Educação e emancipação*:

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém, ela seria igualmente questionável se ficasse nisso, produzindo nada além de *wellad justed people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior (ADORNO, 2006, p. 143).

A questão que aqui se faz presente visa a definir o objeto da educação, que é interrogar o homem, sua existência, os valores e as relações que ele constrói com os outros e os saberes. Entretanto, cabe interperlar: qual é o elo, segundo Adorno, para unir as pessoas e quais são os valores que as representam e servem de vínculo?

Como desafios da educação, as sugestões ocorrem por duas vias: com a quebra da tradição e com a eliminação da educação para a disciplina (pela dureza que sempre predominou explícita nos castigos físicos e morais e, hoje, de maneira camuflada, pela repressão psicológica). Na introdução da obra *Dialética do esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1985) expressam uma crítica contundente à educação ao apresentarem o sistema escolar da Alemanha nesse período como uma das instâncias envolvidas com a destruição do verdadeiro esclarecimento, da capacidade criativa e da autonomia das pessoas. Diante dessa análise, o “homem emancipado” vive em uma sociedade que subjuga sua capacidade e, muitas vezes, torna inerte suas ações.

Um elemento que possui forte influência sobre a sua formação é a indústria cultural, pois, desde o nascimento e por toda a vida, os homens são alvo de uma avalanche de informações e mensagens ideológicas. A partir disso, o papel da escola como instituição de educação das pessoas resta prejudicado, pois, ao iniciar sua vida acadêmica, o estudante

já traz consigo certo conhecimento intelectual obtido pela exposição aos diversos meios de comunicação⁶. Tal formação (melhor seria dizer: deformação, pseudoformação, semiformação) apresenta fundamentalmente as seguintes características: fragmentação e superficialidade das informações repassadas; pasteurização dos conteúdos; naturalização do que é cultural; e culturalização do que é natural⁷. Essa bagagem molda a sua mente, de forma que a estrutura cognitiva do indivíduo não seja levada a pensar, mas, sim, interiorize tudo que lhe é apresentado como natural. Dessa maneira, ao ir para a escola, o estudante entra em choque com um ambiente que exige seu esforço intelectual, que lhe apresenta coisas diferentes das que está acostumado e em grau mais aprofundado. Esse momento pode causar no estudante profundo desinteresse sobre os assuntos referentes ao conteúdo escolar, fazendo da educação algo visto com desconfiança, como sendo algo chato e sem importância, dificultando o trabalho da escola na formação de indivíduos autônomos e conscientes.

Se, de um lado, os meios de comunicação de massa, particularmente a televisão e a internet, são recheados de atrativos e, por que não, apelos visuais e sonoros, de outro, quase sempre temos o professor com recursos que, na maioria das vezes, não passam do quadro de giz e do livro didático, tentando convencer os jovens de que o fundamental não é a aparência, mas o conteúdo. A concorrência é desleal, o que não significa que o problema estaria resolvido se cada aluno estivesse munido de um *tablet*, *net* ou *notebook* com conexão *wi-fi*, tampouco se o professor tivesse à sua disposição uma lousa *touchscreen* com acesso à rede mundial de computadores. Fora a aferição de que, segundo Adorno (2009), se integrar à sociedade significa virar massa, participar de um mecanismo que converte o bem material da cultura em mercadoria, ou seja, viver sob a lógica

⁶ Este é um dos pontos negativos das pedagogias que propõem um “aproveitamento” acrítico das experiências anteriores dos alunos. Em vez de possibilitar-lhes uma elevação, conservam-nos no nível da ignorância.

⁷ O problema da função deformativa da televisão, por exemplo, foi tratado por Adorno (2006) na série de debates realizada com Becker na rádio Hessen, transcritos na obra *Educação e emancipação*, no capítulo *Televisão e formação*.

da mercadoria, da mistificação das massas ou diretamente da chamada indústria cultural.

Indústria cultural x formação intelectual

Adorno escreve uma obra específica sobre a indústria cultural⁸, mas esse termo surge na obra *Dialética do esclarecimento* (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) com o intuito de substituir o termo ‘cultura de massa’. Mas com qual intenção eles fazem a “substituição” dos termos? A ideia é de que “cultura de massa” faça-nos acreditar que existe alguma cultura surgindo das massas (do povo, das camadas sociais menos abastadas) ou que existe uma diferença entre a cultura das massas e a cultura da elite, o que não procede, pois, tanto para Adorno quanto para Horkheimer, a cultura é a mesma para todos os homens. Portanto, o termo ‘indústria cultural’ mostra as contradições existentes na chamada cultura de massas, pois a cultura é originalmente uma só, mas, devido às revoluções tecnológicas nas quais foi inserida, acabou se transformando em mercadoria, em bem de consumo.

Em outras palavras, a força da indústria cultural verifica-se ao proporcionar ao homem certas necessidades, não as essenciais para viver dignamente, ou seja, as básicas (comida, casa), mas aquelas do sistema vigente, que a sociedade de consumo apresenta (consumir incessantemente bens não fundamentais, não porque o indivíduo precisa, mas porque simplesmente deseja). Para exemplificar, Adorno (2009) explica que, quando se adquire um bem cultural com uma joia ou um veículo automotivo, a pessoa perde sua capacidade de despertar a reflexão e fica distraída com a aquisição, manipulada, subordinada à ideia de pertencimento apresentada pela sociedade, enquanto sua mente é vítima de uma imensa carga de informações e ideologias, que são disparadas pelos meios de informação,

⁸ Trata-se da obra *Indústria cultural e sociedade* (ADORNO, 2009), na qual o autor apresenta a tese sociológica sobre a racionalidade técnica e o caráter de autoalienação da sociedade.

como, por exemplo, em um comercial de um automóvel de luxo, com ele em uma bela paisagem e uma música clássica ao fundo; o caráter reflexivo que a música desperta perde-se completamente, pois sempre que o indivíduo ouvi-la lembrar-se-á do automóvel do comercial. Essa junção da arte com a propaganda faz com que ela perca sua essência e a pessoa, sua faculdade pensante.

Quanto menos promessas a indústria cultural tem a fazer, quanto menos ela consegue dar uma explicação da vida como algo dotado de sentido, mais vazia torna-se necessariamente a ideologia que ela difunde. Mesmo os ideais abstratos da harmonia e da bondade da sociedade são demasiado concretos na era da propaganda universal. Pois abstrações são justamente o que aprendemos a identificar como propaganda (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 137).

Falar em indústria cultural é apresentar e salientar um instrumento de ideologização das massas, pois as ideias que se fazem presentes na sociedade, somadas às mercadorias apresentadas para o consumo diário, impedem a autonomia das pessoas, ou seja, o fazer e pensar por si mesmas, e impõem opiniões que tornam banais as atitudes dos homens. Como consequência, fazem com que as pessoas esqueçam-se da situação de miséria e opressão que vivem e voltem sua atenção para assuntos sem a menor relevância, a saber: as novelas, os programas de fofocas sobre as pessoas famosas etc. “A fusão atual da cultura e do entretenimento não se realiza apenas como depreciação da cultura, mas igualmente como espiritualização forçada da diversão. [...] A indústria cultural transforma-a numa mentira patente” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 118-119).

Pode-se notar que, nos dias atuais, as pessoas necessitam cada vez mais de certos produtos e mercadorias oferecidos pela indústria cultural. O objetivo de tais mercadorias é distrair, isto é, tirar a atenção de, tornar essas mesmas pessoas desatentas àquilo para o que deveriam mover sua atenção: o processo de alienação e minoridade a que estão submetidas; em outras palavras, manipular os indivíduos para que ajam, consumam e pensem em conformidade com a ideologia vigente. Isso se dá

devido à massificação do pensamento causada por essa indústria. Além de fabricar os produtos, ela faz com que sintamos a necessidade de consumi-los e, o que é mais trágico, acreditamos que os consumimos por vontade própria e não por indução.

[...] nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações; enquanto isso ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras, de um modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em sua consciência. É claro que isto chega até as instituições, até a discussão acerca da educação política e outras questões semelhantes. O problema propriamente dito da emancipação hoje é se e como a gente — e que é ‘a gente’, eis uma grande questão a mais — pode enfrentá-lo (ADORNO, 2006, p. 181-182).

A indústria cultural influencia as pessoas com suas mensagens ideológicas e seus meios de comunicação, como o cinema, a televisão, o rádio, os jornais e as revistas, formam um sistema poderoso para gerar lucros e exercer a manipulação e controle social. Além da quantidade de informações, outro problema é o seu caráter fragmentário, isto é, não há conhecimento, tampouco de cunho reflexivo, crítico. Assim divulgado, esse excesso de informações impede tanto uma visão crítica dos fatos quanto uma visão radical; ao mesmo tempo, impossibilita uma visão de totalidade do real. Resistir a isso não é um processo tão simples, mas cabe uma orientação normativa da educação para a contradição e para a resistência, com o objetivo de fazer uma reconstrução cultural, para ir além da vigência da semiformação. “[...] A Indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico. Cada um é tão somente aquilo mediante o que pode substituir todos os outros: ele é fungível, um mero exemplar” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 120).

Reforçando o que já foi mencionado, no capítulo *Tabus acerca do magistério*, de *Educação e emancipação*, baseando-se nas suas impressões e experiências vivenciadas nas escolas superiores para a formação docente

na Alemanha, Adorno (2006) discute o problema da aversão à profissão de professor. Sua análise é imprescindível para entendermos como o professor vê a si mesmo e é visto e como esse fator influencia o processo educativo e a maneira como ele coisifica e é coisificado nesse percurso de educar e possibilitar a autonomia do educando.

Segundo Adorno (2006), as justificativas para a existência dos tabus são:

- a) o magistério visto como uma profissão de fome;
- b) o poder docente exercido sobre as crianças;
- c) o professor como responsável pelos castigos físicos;
- d) a hierarquização existente nas escolas;
- e) o professor como agente da alienação imposta às crianças.

Na realidade, os tabus são, para Adorno (2006, p. 98), sedimentações coletivas “[...] de representações que, [...] em grande parte perderam sua base real, [...] conservando-se porém com muita tenacidade como preconceitos psicológicos e sociais, que por sua vez retroagem sobre a realidade convertendo-se em forças reais”. A solução para esse problema recorrente é a mudança de comportamento do professor, o que envolveria uma análise crítica sobre a sua alienação. O autor também enfatiza que, para superar a “deformação psicológica”, o docente precisa de:

- a) conscientização de quem é e da sua função profissional;
- b) aprendizado psicanalítico para o magistério;
- c) sólida formação profissional.

Conclusão

Mediante as reflexões postas neste artigo, pode-se concluir que Adorno, com relação à educação, era contrário a qualquer tipo de modelo ideal, pois entendia que modelos ideais para a educação eram como uma

imposição exterior, uma postura autoritária que impedia a autonomia intelectual de cada pessoa. Faz-se necessário compreender que a educação não ocorre apenas no interior da escola, mas, sim, em todas as relações presentes na sociedade, no cotidiano de cada pessoa, por toda uma vida, seja pela influência das pessoas com quem se convive, pela influência da indústria cultural ou pela cultura e hábitos do próprio ambiente no qual cada pessoa é formada.

No decorrer da vida, uma pessoa interioriza ideias, hábitos e costumes sociais sem o seu consentimento e muito menos, em boa parte das vezes, sem as condições críticas para resistir a tais influências, quando necessário. Contudo, na maioria das vezes, esse fator é nocivo à vida das pessoas e, conseqüentemente, à sociedade. Nesse sentido, Adorno salienta a ideia de que a educação deve servir para formar pessoas contra a barbárie e o vínculo da competição. Entretanto, como educar para esse fator se a sociedade vive esse *status quo*? Ademais, pode-se dizer que a educação escolar e familiar reforça esse preceito.

A título de ilustração, tomemos o caso das propagandas direcionadas ao público infantil, seja na programação normal dos canais de televisão, seja na programação direcionada a esse público, em particular. Elas vendem de alimentos a roupas, calçados e brinquedos. Que elaborações mentais esses sujeitos têm para discernir o que é e o que não é necessário ou mesmo saudável para a sua existência? Mais além: como impedir de tornar-se um sujeito consumista ainda em tenra idade? Se tais crianças tiverem pais que não alimentam esse desejo consumista ou mesmo que não as exponham ao bombardeio consumista da indústria cultural, ótimo, porém, e é com isso que os patrocinadores dos programas infantis contam, se tiverem genitores fracos moralmente, a ponto de ceder aos apelos tanto de seus filhos quanto das propagandas, será um desastre do ponto de vista da resistência à razão instrumental e à indústria cultural.

Conforme entende Adorno (2006), a escola é o espaço privilegiado para desbarbarizar a sociedade. Para tanto, o professor não deve ser um vendedor de conhecimentos, mas aquele que irá possibilitar o acesso crítico e reflexivo ao saber, de maneira a propiciar a reflexão filosófica e a

autonomia de pensamento dos educandos. Há, assim, certa complexidade que se revela na chave de transformação decisiva que reside na sociedade e sua relação com a escola. Em outras palavras, são constatados alguns fatores que nos fazem pensar o que potencializa a barbárie na educação, no mundo administrado, e como isso ecoa na prática do magistério, na formação dos indivíduos, a saber:

- a) inadequada formação dos alunos e dos professores;
- b) falência da cultura;
- c) autoritarismo dos pais;
- d) competitividade como princípio educativo.

Portanto, o intuito educacional de Adorno é formar sujeitos emancipados e, com isso, concretizar uma sociedade verdadeiramente democrática; uma educação que vise a formar gerações para haver uma sociedade guiada pela razão (poder para a reflexão e autodeterminação), pelo princípio da autonomia (pensar e agir por conta própria) e pelo exercício da emancipação (formação política e cultural).

Referências

- ADORNO, T. W. **Palavras e sinais**: modelos críticos. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- KANT, I. **Textos seletos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAAR, W. L. Educação crítica, formação cultural e emancipação política na Escola de Frankfurt. In: PUCCI, B. (Org.). **Teoria crítica e educação**: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Petrópolis: Vozes, 1995.

MULLER-DOOHM, S. **Adorno**: a biography. Cambridge: Polity Press, 2005.

Recebido: 14/09/2012

Received: 09/14/2012

Aprovado: 10/10/2012

Approved: 10/10/2012